AS LÍNGUAS DE FRONTEIRA SOB A PERSPECTIVA DO ENUNCIADOR FRONTEIRIÇO[1]

Sara dos Santos Mota(UFSM)[2]

RESUMO

Este trabalho propõe-se, tendo como pressuposto teórico Os Estudos Enunciativos, a identificar as perspectivas reveladas pelos falantes da fronteira ao enunciarem nas e sobre as línguas que configuram o espaço de enunciação fronteiriço. A fronteira na qual centramos nosso trabalho é a região formada pelas cidades gêmeas Rivera e Livramento (Uruguai-Brasil), delimitadas apenas por uma linha imaginária que supostamente marca a divisão política entre os dois países. No território fronteiriço, a relação cultural, social e comercial entre seus habitantes é muito estreita, possibilitando que circulem livremente entre as duas cidades, sem haver nenhum impedimento legal ou geográfico. Determinados por essas relações, inscrevem-se os falantes da fronteira e suas línguas. Para que possamos definir os pontos de vista a partir dos quais as Línguas de Fronteira significam nesse contexto, abordaremos algumas noções como as de Espaços de enunciação e Espaço de Enunciação Fronteiriço, assim como as de Locutor e Enunciador.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços de Enunciação, Línguas de Fronteira, Enunciador fronteiriço.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe-se, tendo como pressuposto teórico Os Estudos Enunciativos, a identificar alguns dos possíveis pontos de vista (Ducrot,1987) evidenciados pelos falantes da fronteira ao enunciarem sobre as línguas que configuram o espaço de enunciação fronteiriço.

Para tal, faz-se necessário especificar que a fronteira na qual centramos nosso trabalho é a região formada pelas chamadas cidades gêmeas *Rivera* e Livramento, localizadas respectivamente no Uruguai e no Brasil. Neste território, a relação cultural, social e comercial entre os habitantes de ambos países é muito estreita, posto que, não existe nenhum limite geográfico entre as duas cidades e a separação representada pelos marcos (pequenas construções que sinalizam o limite entre os dois países) serve apenas para indicar onde termina um país, e onde começa o outro, formando uma linha divisória imaginária. Portanto, não impede que as populações de ambas as nações, brasileira e uruguaia, se relacionem cotidiana e intensamente, revelando o “ir” e “vir” próprio da vida na fronteira.

Num contexto peculiar, e como parte desta relação que é de ordem diversa, inscrevem-se os falantes da fronteira e suas línguas. Para melhor especificar como se apresenta a questão

---

[1] Trabalho orientado pela Prof. ª Dra. Eliana Rosa Sturza(UFSM).
[2] Aluna especial do programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado.

lingüística na região, apresentamos o que entendemos por Espaços de Enunciação e logo, Espaço de Enunciação Fronteiriço.

1 Espaços de Enunciação

Consideramos aqui a concepção de Espaços de Enunciação de Guimarães (2005:18) os quais definem-se como "espaços de funcionamento de línguas". Para que as línguas funcionem discursivamente, é necessário considerar não só sua existência, mas as relações com os falantes que as empregam. Ao considerarmos estas relações, adotamos o proposto por Benveniste (1995) quando introduz a questão da subjetividade na linguagem.

Analisando, entre outras formas lingüísticas, o uso dos pronomes pessoais, mostra como a linguagem é marcada pela expressão da subjetividade, pois, segundo ele "uma língua sem expressão de pessoa é inconcebível" (1995:287). A noção de pessoa assume relevância, já que, ao enunciar-se, o sujeito apropria-se da língua colocando-se como locutor no discurso. Nesta perspectiva teórica, a subjetividade passa a ser vista como um elemento constitutivo da linguagem. É, então, através da linguagem que o homem se estabelece como sujeito.

Guimarães (2005), a partir do conceito de Benveniste, define Enunciação como sendo um acontecimento no qual sujeito e linguagem se relacionam. Entretanto, o autor sustenta como elemento que a determina o político, por ser este o que fundamenta as relações sociais. O político é tomado por ele como um "conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento".(2005:16)

O entendimento assumido pelo lingüista o faz refutar a questão da variabilidade de uma língua proposta pela sociolingüística quantitativa. Para ele uma língua não é variável, e sim, dividida. Esta divisão é conseqüência da relação da língua com os falantes e se estabelece hierarquicamente, distribuindo-os de forma díspar, segundo as relações de importância que a constituem. Enunciar é, pois, uma prática política, já que, os falantes são os indivíduos identificados pelas línguas que falam. Considerando tais proposições, Sturza assim caracteriza o espaço de enunciação:

> O espaço de enunciação é um espaço configurado por uma relação de línguas e falantes. (...) Os sentidos são constituídos no interior de um embate, que é determinado pelo lugar político que as línguas tomam ao se confrontarem, ao se mesclarem, ao serem contidas e interditadas, na configuração de um espaço próprio, significadas enquanto línguas, dadas à existência pela existência de seus falantes. (2006:59)

Os Espaços de enunciação são, portanto, habitados por falantes que atuam como figuras políticas “divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (Guimarães, 2005: 18), sendo assim, espaços políticos. A partir do exposto até aqui, passamos a caracterizar o Espaço de Enunciação Fronteiriço.

1.2 Espaço de Enunciação Fronteiriço

O Espaço de Enunciação Fronteiriço apresenta uma relação entre os falantes e suas línguas, bastante peculiar, constituída também pelo político. Neste espaço, por dar-se em uma fronteira, encontram-se as línguas nacionais de cada país, o Português e o Espanhol, e ainda, as práticas lingüísticas decorrentes do contato dessas línguas. Sturza, ao tratar do funcionamento do Espaço de Enunciação Fronteiriço, expõe:

> O sujeito enunciador de práticas lingüísticas fronteiriças funciona como figura política que se move entre o eu e o outro. Ou seja, um falante de uma língua nacional frente ao falante de outra língua nacional é afetado pelo imaginário da fronteira como limite entre dois mundos, onde começam, mas também terminam, os domínios de uma outra prática lingüística, nem sempre de outra língua nacional. (2006: 60.)

Alguns dos estudos que nomeiam e descrevem o panorama lingüístico do território fronteiriço, mostram que coexistem além das duas línguas nacionais mencionadas por Sturza, outras línguas determinadas a partir da constante relação entre os sujeitos que as praticam. Entre elas estão, por exemplo, o chamado *Fronterizo* por Rona (1965) ou DPUS (Dialetos Portugueses do Uruguai), por Elizaincín (1987), ou ainda Portunhol (1972) remetendo-se a fusão aleatória do Português e do Espanhol. Ao conjunto formado por todas essas práticas lingüísticas, Sturza (2006:64) denomina “Línguas de Fronteira”.

Assim, os falantes fronteiriços encontram-se entre línguas, sendo determinados pelas línguas nas quais enunciam e pela relação que estabelecem com elas. Ao manifestar-se neste espaço de enunciação fronteiriço, o falante da fronteira não enuncia somente nas línguas, mas também sobre elas.

A partir das implicações até então expostas, a questão que levantamos é que o sujeito que habita a fronteira possui um discurso sobre as línguas que o constitui, significando a maneira como se relaciona com elas através das perspectivas reveladas em sua enunciação. Tratamos, a seguir, do falante que enuncia nas “Línguas de Fronteira”.

2 O falante fronteiriço sob a visão dos estudos enunciativos

Tendo como suporte teórico o disposto pelos estudos enunciativos, conforme o explicitado no início deste trabalho, julgamos pertinente retomar as concepções de Benveniste, por ser ele o fundador de uma Lingüística Enunciativa.

Quando define Enunciação, o estudioso a entende como "um ato individual da utilização da língua" (Indurski, 1998:114), identificando as figuras que compõem o processo enunciativo. Distingue, então, o *locutor*, aquele que diz "eu" no discurso, e o alocutário, o "tu" a quem o "eu" se dirige. O locutor é o indivíduo que se subjetiva através da linguagem, percebido como o responsável pelo enunciado, a origem daquilo que foi dito. Esta concepção teórica privilegia um sujeito que é tido como único e "atribui-lhe um excessivo centramento, concebendo-o plenamente consciente"(1998: 114).

É justamente visando "criticar e substituir" a teoria da unicidade do sujeito falante, segundo a qual um determinado enunciado possui somente um autor, (1987:161) que Ducrot elabora sua Teoria Polifônica da Enunciação, situando suas pesquisas no interior de uma disciplina que denomina Pragmática Lingüística. Para o lingüista, um dado enunciado[3] apresenta "pistas" que permitem identificar outros autores ocasionais da enunciação, ou seja, podem-se revelar distintas "vozes" num mesmo enunciado. Portanto, não é somente o sujeito que enuncia a origem daquilo que é dito. É possível atribuir mais de um responsável por um determinado dizer. O autor (1988) propõe um sujeito dividido entre l*ocutor* e *enunciador*, sendo o primeiro a origem do enunciado, materializado nas formas lingüísticas e o segundo, o ponto de vista significado pelo enunciado, que pode distanciar-se daquele do locutor. Este(s) ponto(s) de vista só é possível de ser mostrado na enunciação. A partir destas considerações, Filinich distingue entre *lo enunciado* e *la enunciación*.

> El enunciado conlleva dos niveles, de los cuales uno es explícito, *lo enunciado*, aquello que es objeto del discurso, y el otro, *implícito*, la enunciación, presupuesta por todo enunciado en la medida en que todo discurso proviene de un *yo* que destina su alocución a un *tú*. (1988: 18-19)

De tal modo, *lo enunciado* estaria situado no nível do locutor, e *la enunciación*, no nível do enunciador.

---

[3] Ducrot (1987:164) define *enunciado* como uma entidade abstrata, porém, observável, "a manifestação particular de uma frase", distintos uns dos outros.

Valendo-se, entre outros estudos, do disposto por Ducrot (1987), Guimarães (2005) toma como lugar de reflexão a Semântica Enunciativa. Para o lingüista o sujeito da enunciação é, também, fragmentado. Apresenta o locutor como fonte do dizer, o lugar do qual se enuncia. Porém, o distingue por representar um determinado lugar social que o autoriza a falar (o que denomina locutor-x). Essa distinção é de extrema importância, já que, somente estando em um determinado lugar social é que o locutor pode dar-se como tal. Quanto ao enunciador, o concebe como sendo a "posição do sujeito que estabelece a perspectiva da enunciação". (2002:22) Além disso, para Guimarães (2005), conforme já foi dito, o sujeito da enunciação é também dividido pelo político. Pois o acontecimento da linguagem é o que se da nos espaços de enunciação, é um acontecimento político.

Desse modo, o falante fronteiriço ao fazer uso de uma das línguas praticadas na fronteira, poderá mostrar-se ainda mais dividido, pois no Espaço de Enunciação no qual se situa, o uso das línguas é fundamental para determinar as divisões políticas existentes, ou mostrar a diluição dessas divisões. O pertencimento ou o não-pertencimento a um país ou outro, a relação com a fronteira e as línguas praticadas na região, bem como os pontos de vista mostrados pelos falantes em relação a essas práticas lingüísticas poderão ser evidenciados nas e pelas línguas. Sturza (2006:63), ao determinar o espaço de enunciação fronteiriço, afirma: "O Espaço de Enunciação Fronteiriço não está configurado apenas pelo funcionamento discursivo das línguas pelos seus falantes. Ele também está projetado a partir de uma perspectiva de outros enunciadores" (2006:63). Portanto, ao analisarmos enunciados de falantes fronteiriços, buscaremos identificar diferentes perspectivas das quais se consideram as línguas de fronteira.

3 Enunciação Fronteiriça: uma proposta de análise

Conforme expusemos anteriormente, os enunciados a seguir apresentados foram coletados na zona urbana da fronteira formada pelas cidades de Livramento e Rivera (Brasil e Uruguai). Nesta região, a fronteira é delimitada por uma linha imaginária que supostamente marca a divisão política dos dois países. Porém, por ser tão peculiar, os habitantes desta região circulam entre as duas cidades livremente, sem nenhum impedimento legal ou geográfico. Dessa forma, a relação entre eles e entre as línguas que praticam se dá de diferentes maneiras.

De acordo com o que já colocamos, o Espaço de Enunciação Fronteiriço está constituído não só pelas línguas nacionais (o português e o espanhol), mas também pelas práticas lingüísticas decorrentes do uso dessas línguas. Sendo então possível, encontrar falantes que usam "outra" língua, que só se encontra no Espaço de Enunciação Fronteiriço.

Além disso, o falante fronteiriço não só enuncia nessas línguas, mas também sobre elas. Segundo Sturza (2006:03) "O falante fronteiriço enquanto locutor produz enunciados nos quais tanto aborda sobre as línguas quanto as pratica no seu estado de mistura, atribuindo sentidos (...)".

Vejamos alguns enunciados[4]:

Locutor- Falante Fronteiriço (1)

a.1) "El idioma que más se habla acá en la frontera en el momento es el portuñol."

O primeiro enunciado mostra que o locutor reconhece a existência do portunhol na fronteira em que se encontra, assim como utiliza tal designação para referi-lo. O portunhol para o locutor tem o *status* de idioma, pois não o qualificou como dialeto, por exemplo. Ao modalizar o quanto o espanhol é falado na fronteira, significa que também existem outras práticas que disputam o espaço de enunciação fronteiriço, bem como, a supremacia (número de falantes) do portunhol sobre as demais línguas.

b.1) "Muy poca las personas que te hablan perfectamente el español y muy poca la que te hablan el portugués bien."

No segundo enunciado, o locutor discorre sobre os falantes e as línguas nacionais que aparecem na fronteira (o português e o espanhol), quantificando o número de pessoas que utilizam uma língua ou outra. Ao fazê-lo, indica um modo como essas línguas são faladas. Assim, percebemos que neste espaço de enunciação, o português e o espanhol podem emergir de diferentes maneiras.

[4] Os enunciados foram transcritos a fim de reapresentar o mais próximo da oralidade. A grafia das palavras procura demonstrar a forma como foram pronunciadas.

c.1) "Porque nosotros acá tenemo las do lenguas 'né'*, entonce queda una cosa ya mesclada."*

A partir do enunciado, o locutor volta a mencionar a existência de duas línguas (as nacionais) na fronteira. Atribui ao contato do português e do espanhol, o surgimento de uma terceira língua, a qual define como "coisa misturada". Assim, tem-se uma definição que mostra como o portunhol significa na fronteira, o que já é significado no nome que recebe, e também, pelo dizer do locutor.

Além disso, o locutor, que até o momento trazia em sua enunciação somente o espanhol, ao usar a contração "né", mostra estar afetado também pelo português. Isto evidencia seu pertencimento à fronteira e o aparecimento do português em seu discurso, demonstrado na materialidade lingüística. Sua enunciação se da "na" língua e "sobre" a língua ao mesmo tempo.

d.1) "Y ahora como en las escuela en el Uruguay ponen el portugués también... ¿viste?
Como en el Brasil ponen el español entonce ya queda una mescla(...)"

Considerando o quarto enunciado, percebemos que o locutor mostra ter conhecimento de que nas escolas brasileiras e uruguaias, as duas línguas nacionais fazem parte de seus currículos, estando presentes nos ambientes formais de ensino, que autorizam sua circulação. Segundo ele, isso impulsiona o aparecimento do portunhol.

e.1) "(...) ya no queda perfecto el idioma, hay palabras que no son correctamente dicha."

Partindo do enunciado, o locutor diz ser o portunhol "imperfeito", em que existem palavras que são faladas de maneira "incorreta". Para fazer tal consideração, toma como parâmetro outras línguas, o português e o espanhol, das quais as palavras do portunhol se diferenciam.

A posição assumida pelo locutor significa a relação do portunhol com as línguas nacionais, na qual possui menos prestigio, embora sendo o mais falado na fronteira.

Locutor-Falante Fronteiriço (2)

a.2) O hablás portugués que es un idioma muy rico, o hablás español. Eso de portuñol para mí es una degeneración de idioma.

O enunciado revela que o locutor sabe da presença das três línguas no espaço de enunciação fronteiriço. Ao definir o portunhol, o faz de forma pejorativa, atribuindo um significado negativo ao seu uso. Em contrapartida, o português é predicado positivamente. O locutor considera que apenas uma das duas línguas nacionais, o espanhol ou o português, deve ser praticada na fronteira, o que exclui a possibilidade de circulação do portunhol.

Locutor-Falante Fronteiriço (3)

a.3) La variante más significativa es la que se dá aquí en Rivera (...)en que hay tres dialectos: el español la lengua oficial, digamos así, que se utiliza en los centros de educación; está también el portugués que se habla aquí en Rivera, y está también una variante del portugués, los dialectos portugueses hablado en el Uruguay(...) que eso es una lengua, un dialecto, digamos así, que utilizando palabras del español y del portugués se manifiesta en una estructura del portugués (...)

Tomando o exposto pelo locutor, vemos como ele realiza uma distribuição das línguas que circulam no espaço de enunciação fronteiriço. Tal distribuição privilegia uma divisão que é política, já que o locutor situa as línguas a que faz referência somente de um “lado” da fronteira (*Rivera*). Primeiramente, alude ao espanhol, predicando-o como “língua oficial”. Logo, restringe sua utilização somente aos ambientes de educação. Em seguida, distingue o português, o qual embora língua nacional do Brasil está também no Uruguai. Por último, o locutor identifica uma terceira língua falada na fronteira, que designa “Dialectos Portugueses hablados en el Uruguay”, definida como uma variante do português, especificando seu funcionamento.

A partir dos enunciados analisados, podemos compreender melhor o funcionamento e a distribuição das línguas que compõem o espaço de enunciação fronteiriço, como também, a forma como se dão suas relações com os falantes.

Desse modo, vemos como o locutor-falante sabe caracterizar o Espaço de Enunciação Fronteiriço, possuindo um próprio discurso sobre as línguas que aí circulam, ao mesmo tempo em que atribui sentidos às práticas lingüísticas, conferindo lugares a cada uma delas. É então, que notamos como o falante fronteiriço é afetado pelo político, estando entre línguas, na medida em que ele significa na sua enunciação um constante conflito pela de entrada de cada uma das línguas. O espaço de enunciação fronteiriço mostra-se, portanto, como um lugar de disputas, em que as línguas estão dispostas, muitas vezes, de forma desigual. Conforme Sturza (2006:167), existe uma relação de poder entre as línguas, havendo, pois "práticas lingüísticas privilegiadas e outras estigmatizadas".

Podemos distinguir dois pontos de vista dos quais as Línguas de Fronteira significam. De um lado, revela-se a perspectiva de um enunciador-fronteiriço, que traz uma concepção normativa de língua. Fala-se desde um lugar onde se considera que o portunhol, por ser uma mistura de duas línguas nacionais é "incorreto". Esta concepção nos remete ao discurso de polidez e perfeição veiculado, por exemplo, pelas escolas uruguaias em sua rede de ensino, consolidado por meio de sucessivas políticas lingüísticas de caráter homogeneizador. Ao abordar a questão, afirma Sturza (2007:47) "as próprias políticas nacionalistas internas impediram a vitalidade dos diversos idiomas falados nesses países, criando o ideal monolingüista que fez o espaço de circulação ficar interditado para as demais línguas."

Segundo Barrios (2004), muitas foram as medidas oficiais do Estado Uruguaio com o intuito de padronizar a situação lingüística no país, objetivando tornar a população monolíngüe em espanhol. Inicialmente, motivaram-se durante o período de consolidação política e social da república (*Ley de Educación Común* – 1877) em que havia um forte ideal nacionalista ("*Un Estado, una lengua*"). Posteriormente, foram instituídas campanhas idiomáticas durante o período ditatorial (1973-1985) no qual a presença da língua portuguesa no território uruguaio era vista como uma "ameaça" à nação e os ideais puristas eram fortemente defendidos. É neste momento em que circulam periodicamente na imprensa e em órgãos estatais enunciados como *"espanhol correcto", "buen uso del idioma"* , *"bien hablar"*.

Através da análise que fizemos, percebemos que estas concepções ainda exercem forte influencia na maneira como os falantes fronteiriços se relacionam com as línguas das quais dispõem. Segundo Barrios (2004:7) "*Las concepciones básicas sobre el 'buen hablar' y el temor al portugués siguen presentes*", o que é claramente significado na perspectiva assumida pelo enunciador-fronteiriço.

Por outro lado, temos um enunciador-fronteiriço que se posiciona tomando a perspectiva do discurso acadêmico, ou seja, de uma "Lingüística Fronteiriça" (Sturza: 2006). Ao adotar este ponto de vista, passa a denominar as línguas de fronteira utilizando as designações atribuídas pelos lingüistas ("*Dialectos portugueses hablados en el Uruguay*", por exemplo).

Ao distribuí-las, embora enumere diferentes lugares onde circulam essas línguas, se opõe à perspectiva anterior quando não considera que alguma das práticas lingüísticas da fronteira deve ser "excluída" de seu espaço de enunciação. Portanto, marca em seu discurso que todas devem possuir seu lugar neste espaço, sem conferir a elas uma distribuição hierárquica, o que é significado também pela maneira como as refere em seu conjunto: "*dialectos*".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando os Estudos Enunciativos como fundamento deste trabalho, procuramos apontar diferentes perspectivas assumidas pelos enunciadores de onde são significadas as relações entre línguas e falantes no Espaço de Enunciação Fronteiriço.

Vimos que estas relações estão motivadas por fatores que podem ser históricos, sociais e políticos o que vai determinar o discurso do locutor-falante sobre as línguas de fronteira e a maneira como se movimenta entre elas no espaço de enunciação fronteiriço.

Pudemos perceber que há uma disparidade em relação aos lugares que estas línguas ocupam, pois, por um lado, o portunhol (por originar-se da "mistura" de duas línguas) é estigmatizado por seus falantes, visto como uma língua "inferior" quando comparada ao português e ao espanhol, mostrando que no Espaço de Enunciação Fronteiriça existe um

constante embate entre essas línguas. Porém, há também aqueles que conferem um lugar para todas as práticas lingüísticas fronteiriças, inclusive para o portunhol.

Vemos também como o português é tido como uma língua que faz parte deste espaço, rompendo os limites políticos que limitam seu uso somente como língua nacional do Brasil, conquistando outro lugar no qual também é enunciada: a fronteira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRIOS, Graciela. **Políticas Lingüísticas y Grupos minoritários en el Uruguay**. In Revista de Estúdios de Sociolingüística . Vigo, Espanha. 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5ª Edição. Campinas, SP:Pontes Editores, 2005.

DUCROT, O. **Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação**. In *O dizer e o Dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ELIZAINCÍN, Adolfo, Behares, Luis H. & Barrios, Graciela. **Nós falemos brasilero**. Dialectos portugueses en Uruguay. Montevidéu: Editorial Amesur, 1987.

FILINICH, María I. **Enunciación.** Buenos Aires: Eudeba,1998.

INDURSKI, Freda. **O Sujeito e as feridas narcísicas dos lingüistas**. In*: Gragoatá*. n.5 .Niterói: EdUFF, 1998.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e Argumentação**. Um estudo de conjunções do português. Campinas, SP:Pontes, 3ª ed., 2002.

_____, Eduardo. **Semântica do Acontecimento.** Um estudo enunciativo da designação. São Paulo: Pontes, 2ª Edição, 2005.

HENSEY. **The Sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan Border**. Tese de Doutorado. Paris:Mounton/The Haugen,1972.

RONA, José Pedro. **El dialecto "Fronterizo" Del Norte Del Uruguay**. Montevidéu: Librería Adolfo Lunardi, 1965.

STURZA, Eliana R. **Línguas de Fronteira e Política de Línguas**. Uma História das Idéias Lingüísticas**.** Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2006.

_____, Eliana R. **Práticas Lingüísticas Fronteiriças e Política de Línguas**. I Congresso Internacional de Políticas Lingüísticas da América Latina. Maio de 2006. João Pessoa.

_____, Eliana R. **Mi casa, su casa.** In *Discutindo Língua Portuguesa*.n.7. 2007.